**O CURRÍCULO NO TERRITÓRIO ESCOLAR-HOSPITALAR:**

**Experiências de um projeto pautado nos princípios de uma Educação Integral**

LEÃO, Vívian. FME[[1]](#endnote-1)

BASTOS, Ana Patrícia. FME[[2]](#endnote-2)

Resumo

Este texto objetiva apresentar a experiência vivida pela equipe do Programa de Pedagogia Hospitalar (PPH) no hospital Getúlio Vargas Filho no Município de Niterói no desenvolvimento do projeto “Inspirações para o Bem Viver – Descolonizando o olhar”. Relata os princípios que norteiam o trabalho pedagógico, através de um Projeto Político Pedagógico plural, que aponta para o enfrentamento das diversas formas de violência, como as decorrentes do racismo, do sexismo, do epistemicídio e do apagamento histórico-cultural de povos indígenas e africanos. Descreve alguns dispositivos pedagógicos integrados e como o projeto foi se materializando no espaço pedagógico-hospitalar. Traz algumas contribuições teóricas de Carlos Skliar, Bell Hooks, Ailton Krenak, Jorge Larrosa e Tomás Tadeu.

Palavras Chaves: Pedagogia Hospitalar; Currículo; Experiência; Território.

Resumo Expandido

Este texto objetiva apresentar a experiência vivida pela equipe do Programa de Pedagogia Hospitalar (PPH) no hospital Getúlio Vargas Filho no Município de Niterói no desenvolvimento do projeto “Inspirações para o Bem Viver – Descolonizando o olhar”. Experiência conforme o sentido atribuído por Larrosa, como, “[...] la experiencia es lo que me pasa y lo que, al pasarme, me forma o me transforma, me constituye, me hace como soy, marca mi manera de ser, configura mi persona y mi personalidad” (2006, p.7, assim, essas experiências vem nos atravessando, transformando, produzindo sentidos e reverberando para toda comunidade escolar-hospitalar. Antes de narrar a experiência, é preciso contextualizar o PPH, que é um programa da Secretaria Municipal de Educação de Niterói e acontece dentro de um equipamento público de saúde, sendo uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Saúde. Assim, neste território a escola acontece de forma singular. Como trabalhamos com grupos multisseriados, o respeito a singularidade de cada criança/estudante é, portanto, um princípio fundamental do trabalho desenvolvido, pois estamos continuamente ajustando as propostas às necessidades, desejos e características cognitivas e emocionais de cada criança/estudante. Além do mais, apesar de ser um espaço onde se vai para tratar a doença, é um espaço onde a vida acontece, então olhamos a criança/estudante na dimensão integral reconhecendo suas fragilidades no momento da internação ou atendimento ambulatorial, mas principalmente suas potencialidades! Nesse sentido, nos indagamos “Quais os sentidos da escola em um ambiente no qual as estudantes convivem com a doença, suas dores, procedimentos invasivos, os efeitos traumatizantes da internação e a possível iminência da morte? De que modo o encontro com estudantes me faz pensar no que há de singularidade numa escola no hospital?” (LEÃO, 2022, p.94). Assim, pensamos que o trabalho pedagógico desenvolvido deve proporcionar uma relação amorosa com a escola, com o currículo e com o saber. A aposta que fazemos é num currículo compreendido não apenas como conteúdo, currículo mínimo e preparatório para o futuro, como Ribeiro e Skliar (2020) nos convidam a pensar, mas como o cultivo de bons encontros que produzam composições que aumentem a nossa potência de agir e que valorizem o fluxo dos desejos e as invenções, conforme Tadeu (2002) nos provoca. Nossa preocupação não é o ponto de partida ou o ponto de chegada, mas o que se passa entre, “entre os diferentes corpos que habitam um currículo” (TADEU, 2002, p.47), o que importa é o processo, o que se passa no meio, o que acontece quando os corpos se encontram e se afetam, pois, é a partir dos movimentos dos encontros e dos afetos que sabemos que composições podem ser feitas, pensando e forjando outros modos de (se) fazer escola e de ser professora. Nesse contexto, com olhar atento e sensível a assuntos que estão pulsando no cotidiano e que não podem ficar de fora da pauta pedagógica, temos buscado pensar num Projeto Político Pedagógico vivo, plural, que fomentem princípios e modos de agir construídos e valorizados por meio da convivência em comunidade, do respeito a nós mesmas, ao outro e a natureza, produzindo novos espaços de vida pautados, dentre outros aspectos, na reparação histórica das opressões impostas às mulheres, aos povos indígenas e as pessoas negras. Contexto esse em que os temas transversais ganham corpo nos discursos sociais e na perspectiva de uma educação integral pautada na valorização da diversidade e do sentimento de coletividade. Assim, o Projeto “Inspirações para o Bem Viver – Descolonizando o olhar”, começa a ser desenhado quando as crianças e os estudantes trazem para a escola no hospital temáticas referentes ao racismo, contando casos que vivem ou que tomaram conhecimento, ao machismo, quando relatam muitas vezes violências domésticas que presenciam ou quando trazem questões referentes as consequências dos impactos ambientais. Entendemos que tais temáticas não podem ser negligenciadas no currículo vivo que propomos. Nessa direção, temos militado pela urgência do enfrentamento, pelo currículo, das diversas formas de violência, como as decorrentes do racismo, do sexismo, do epistemicídio e do apagamento histórico-cultural de povos indígenas e africanos. A fim de subverter essa lógica, com o projeto em tela, desenvolvemos algumas estratégias pedagógicas que buscam materializar, sob a forma de conhecimento-experiência, uma educação pautada em uma ética amorosa que, no sentido dado por Hooks (2021), opera contra todas as formas de alienação, exploração e opressão. Fomos então dando vida a esta ética amorosa no nosso território, território aqui compreendido não apenas como o espaço físico onde o projeto se desenvolve, mas também como lugar de vida e relações que compõem a identidade da comunidade escolar-hospitalar, território potencialmente educativo, “Território que ao se assumir em sua intencionalidade educativa, cria condições para que crianças e jovens se desenvolvam em todas as suas dimensões – intelectual, física, afetiva, social e simbólica” (GOULART, 2020) Assim, o projeto foi se materializando a partir dos seguintes dispositivos pedagógicos integrados: **Oficinas de brinquedos e brincadeiras**, em que experimentamos brincar sem fronteiras de gênero, assim como aprendemos, brincamos e valorizamos brincadeiras de povos indígenas e africanos; **Tecendo Histórias,** por meio da literatura negra e indígena, fizemos ecoar vozes historicamente subalternizadas, valorizando estas identidades em um processo de desmonte de perspectivas racistas; **Formação de um grupo de mães/pais** para, a partir da literatura infantil refletirmos sobre o EDUCAR na perspectiva amorosa, acolhendo-os e escutando-as de forma respeitosa; **Circuitos pedagógicos**, em  que circulamos pelo hospital, provocando profissionais e responsáveis a pensarem sobre formas de desconstruir relações baseadas em opressão e violência. Por fim, o **Projeto** ***Horta no Hospital****,* quevem promovendo o sentimento de florestania (Krenak, 2022) por toda a comunidade hospitalar, disseminando inspirações sobre o bem-viver. Todas estas ações, ainda em curso, assumem a vocação da educação enquanto ato político, partilhando a potência do amor em contraposição ao domínio (e extermínio) do outro, de nós mesmos e da natureza.  Assim, algumas vivências foram potencializadas, dentre estas citamos, práticas cidadãs que envolvem a cooperação, a solidariedade, o cuidado e respeito a si próprio, ao outro e a natureza; reconhecimento, respeito e valorização  a diferentes culturas e cosmovisões de mundo, desconstruindo visões estereotipadas e genéricas sobre estes povos, suas culturas e modos de ser e viver; partilha de experiências e opiniões referentes às temáticas; desenvolvimento do conhecimento do mundo social através de experiências sócio afetivas; contato com a natureza de forma respeitosa e com sentido de preservação; conhecimento sobre estereótipos sexistas e os efeitos destes na reprodução de formas de masculinidade e feminilidade que compõem, as bases de relações baseadas em opressão e violência. Desta forma, as ações propostas no projeto se relacionam diretamente com o PPP que estamos desenhando, a medida em que elas veiculam de modo direto a perspectiva político-pedagógica do Programa, constituindo-se enquanto componentes centrais do currículo e não enquanto temáticas laterais ou pontuais. O projeto transformou a escola no hospital, desenvolvendo significativamente a dimensão política de nossas intervenções pedagógicas. Fazemos hoje uma educação antirracista, feminista, interessada pelo legado de nossa ancestralidade indígena e negra, deslocando não apenas “o que ensinamos”, mas “como ensinamos”. Passamos então a aprender/ensinar de um modo crítico e atento aos padrões de poder e violência da colonialidade e desemparedamos o currículo com “modos de ensinar” que envolvem cada vez mais o corpo, a natureza, a cooperação, a coletividade, a escuta e a integração com a vida, a sociedade e o território. Nossa relação com o território é outro elemento de mudança significativa: a partir do projeto, envolvemos todo o hospital nestas temáticas, provocando-os a compartilhar perceções, dúvidas e saberes, refletindo sobre práticas machistas, sexistas e racistas, desnaturalizando conceitos e posturas. Assim, saúde e educação, criando formas de conscientização, através de propostas dialógicas e emancipadoras. Além disso, trouxemos um pouco da “lógica da floresta” para o hospital, ativando uma relação de amizade e cuidado com a natureza, com nós mesmos e com o outro. Percebemos o desenvolvimento de valores como respeito e valorização às diferentes culturas e cosmovisões; resgate do “sentimento da terra” por meio de uma relação curiosa e interessada na natureza; sentimentos de equidade de gênero, tornando-se críticos em relação a posturas sexistas. Com o projeto “Inspirações para o Bem Viver – Descolonizando o olhar” aqui apresentado, participamos do 7º Prêmio Territórios Tomie Ohtake que premiou dez ações pedagógicas, entre várias escolas públicas de todo o país. Como fomos selecionados, recebemos como premiação: livros diversos para composição de nosso acervo literário, um apoio financeiro para compra de materiais, realizamos um minidocumentário que apresentou uma parte dos processos e resultados desta iniciativa, uma bolsa de estudos para um curso de graduação que, após um processo avaliativo interno, foi oferecida a uma funcionária administrativa do hospital. Assim, o que fazemos no projeto, é lançar sementes, acreditando que elas possam germinar e talvez florir no futuro. É essa educação que a gente acredita, uma educação emancipatória, integral, que se assume enquanto ato político no território.

Referências

GOULART, Beatriz. Educação Integral, território educativo. In: Prêmio Territórios: ideias sobre educação integral e a relação escola-território. ARRUDA, Felipe (org). 1ª ed. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2020.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor. Novas perspectivas. 1º ed. São Paulo. Editora Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2022.

LARROSA, Jorge. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. *In*: LA EXPERIENCIA Y SUS LENGUAJES, 2006, Barcelona. *Conferência*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2006. p.1-11.

**LEÃO, Vívian. Anotações de Improviso e problematizações:** - efeitos de encontros entre estudantes e uma professora que acontece no hospital. 2022. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Formação de Professores, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/19615. Acesso em: 19 ago. 2023.

RIBEIRO, Tiago; SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. *Série Estudos*, [*s. l*], v. 25, n. 55, p. 13-30, 01 set. 2020.

TADEU, Tomas. A arte do encontro e da composição: spinoza + currículo + Deleuze. *Educação e Realidade*, Rio Grande do Sul, v. 27, n. 2, p. 47-57, 01 jul. 2002.

1. FME. Fundação Municipal de Educação de Niterói. [↑](#endnote-ref-1)
2. FME. Fundação Municipal de Educação de Niterói. [↑](#endnote-ref-2)